



Imagens dos negros dos Estados Unidos nas páginas do jornal negro *Getulino*

Willian Robson Soares Lucindo¹

Apresentação

“A África é para quem a quiser, menos para nós, isto é, para os negros do Brasil, que no Brasil nasceram, [se] criaram e [se] multiplicaram”², escreveu Cláudio Guerra ao articulista e fundador do jornal *Getulino*, Benedito Florêncio, em dezembro de 1924. Ele entendia que a “ideia importada” de retorno à África era um erro de estratégia na busca por melhoria na condição dos negros brasileiros. Na verdade, ele dizia ser essa ideia uma “asneira”. Como este pensamento estava ganhando simpatia entre os homens de cor, em sua opinião, resolveu debater o assunto. Ele entendia por que os negros dos Estados Unidos queriam “emigrar para a região que serviu de berço aos seus avós”, isso era algo que “se tolera”, afirmava. Mais do que isso, era “uma questão aliás justa, lá para eles, porquanto, como se sabe, são repudiados da sociedade por um terrível e recíproco ódio de raça”³.

Este não era o caso do Brasil. Neste país, as populações negras viviam em dificuldades, no entanto, “a África é para os africanos, meu nego”, disse em sua carta. E continuava, “Foi para o teu bisavô, cujos ossos, a esta hora, a terra reverteu e em pó se tornaram. A África é para quem não teve trabalho de cultivar e dar vitalidade a um imenso país como este”. Então, ao invés de ir para a África, sugeria se “não seria melhor que tu, o meu querido cafuzo comprasse um catecismo cívico e estudando conhecesses as grandiosidades das instituições deste país? Não seria melhor que tu fosses mais brasileiro, isto é, que tu fosses mais patriota em benefício dessa terra bendita que viu nascer, que te acolhe como mãe carinhosa”? Finalmente, era enfático: “nada de arredar. ‘Os incomodados os que se mudem’, nós estamos em nossa casa”, assim, “aliviado”, encerrou sua carta⁴.

Cláudio Guerra e Benedito Florêncio já tinham trocado algumas “farpas” meses antes da publicação desta carta. Esta era a quarta vez que Guerra escrevia para o jornalista, mas, ao contrário das três cartas anteriores, ela não era uma resposta direta a algum texto escrito por ele, nem tratava dos mesmos assuntos da discussão anterior – a condição de vida dos negros na capital paulista. Sua carta era uma resposta à publicação de 30 de novembro de 1924, intitulada “A Raça Negra e seu Próximo Congresso Internacional”.

¹ Aluno de doutoramento em História do PPGH da UNICAMP, bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, processo FAPESP nº 2015/21428-4.

² *Getulino*, Campinas, 20 dez. 1924.

³ *Ibidem*.

⁴ *Ibidem*.



O intuito desta matéria era divulgar o evento, em que “várias correntes” iriam “se defrontar em torno do objetivo da África para os homens de cor”. No congresso, seriam apresentadas as declarações de “René Maran e J. Diagne, dois importantes pretos franceses”, que defendiam a cidade de Paris como sede da “Confederação Mundial da Raça Negra” e “centro do movimento pan-negro”, segundo o *Getulino*. O jornal apresentava um pouco das ideias desses dois líderes, demonstrando que divergiam de outro “preto importante”, Marcus Garvey, e sua ideia de “retorno” dos negros para África e de que este continente fosse o centro do movimento. Recentes pesquisas sobre a Imprensa Negra já discutiram a presença do debate pan-africanista nos periódicos brasileiros, que chegaram a publicar textos traduzidos de algumas figuras de destaque deste movimento.

Na carta de Cláudio Guerra chama a atenção, entre outras coisas, a diferença que ele faz entre os negros do Brasil e dos Estados Unidos da América. Enquanto os negros brasileiros são vistos como construtores do país e, por isso, não deveriam sair do Brasil, apesar das dificuldades vividas, o autor encontrava um bom motivo para a saída dos negros norte-americanos de seu país: o ódio racial recíproco. A ideia de que nos Estados Unidos existia um ódio mútuo entre as raças não era uma novidade, inclusive Benedito Florêncio fez uso dela em alguns momentos, principalmente quando se opôs à intenção de os negros norte-americanos migrarem para o Brasil, em 1923. Para compreender melhor esse contexto, este trabalho pretende analisar como os negros dos Estados Unidos são apresentados nas páginas do jornal de Campinas *Getulino*.

Os Negros Estadunidenses

Antes das cartas de Cláudio Guerra, o jornalista Benedito Florêncio já havia escrito sobre a situação da população negra nos EUA, principalmente para criticar Robert Abbott, fundador do jornal negro *Chicago Defender*, que acreditava não existir preconceito de cor no Brasil. Após sua visita ao Brasil, o norte-americano iniciou uma propaganda para que negros do sul dos EUA migrassem para o Brasil, onde teriam oportunidades de crescimento econômico reais, o que não acontecia em seu país que embarreirava a ascensão dos negros por meio do racismo. Essa possibilidade de imigração foi levada a sério no Brasil. Em 1923, o deputado Fidélis Reis lançou um projeto de lei proibindo a entrada de negros norte-



americanos no Brasil, e Benedito Florêncio dizia apoiar “francamente a atitude patriótica assumida pelo governo ante a grave ameaça da imigração negra”⁵.

O jornalista se colocava à disposição para combater “vigorosamente pela pena e pela palavra” a imigração desses negros, “porque ela representa, indiscutivelmente o maior prejuízo para a solução do problema do negro brasileiro”, além de ser uma “ameaça à harmonia da raça e à paz da nação”. Com isso, ele, assim como “os pretos brasileiros”, não repeliam seus “irmãos norte-americanos”, nem se colocavam “alheios à sua sorte”, informando que acompanhavam “com máximo carinho todos os acontecimentos sociais do nosso povo lá dentro dessa babilônica República”. A questão era que “a solução do problema norte-americano está colocada numa situação extremamente diferente do brasileiro”. Assim, precisavam “agir em separado, tanto quanto em conjunto, quando tivermos que reagir espiritualmente”⁶.

Além da diferença, ele desconfiava das verdadeiras intenções de Robert Abbott e de outros negros norte-americanos que visitavam o Brasil. Questionava se a viagens desses norte-americanos não seriam “o início prático do programa expansionista da ‘Universal Negro Improvement Association’”, ou se Abbott não estaria a serviço da “National Association for the Advancement of the Coloured People”, que também teria interesse em financiar uma “invasão negra norte-americana”. Benedito Florêncio estava atento aos debates sobre o pan-africanismo, citando artigos de William Monroe Trotter, no *Boston Guardian*, a palestra de Marcus Garvey na abertura da “International Negro Conference”, em agosto de 1920. No entanto, ele não parecia concordar com as posições tomadas pelos pan-africanistas, informando que, para quem lia e estudava “dia e noite os problemas da raça negra no mundo”, não era surpresa que a solução dos norte-americanos fosse sair do país. E, afirmou que “a vinda dos negros norte-americanos será o golpe de morte para aquela obra matemática, do desaparecimento gradativo da raça negra no Brasil”⁷.

Em 1921, chegou a notícia de que terras no Mato Grosso seriam compradas por uma empresa de colonização dos Estados Unidos, que instalaria ali fazendeiros negros de lá. Como aponta Tiago de Melo Gomes, ao saber dessa notícia houve uma grande comoção no Brasil e os deputados Andrade Bezerra e Cincinato Braga apresentaram um projeto de lei contra “a

⁵ **Getulino**, Campinas, 23 set. 1923.

⁶ *Ibidem*

⁷ *Ibidem*



importação de indivíduos de raças negras”, que não foi aprovado⁸. Observando a discussão deste projeto na imprensa do Rio de Janeiro, o autor nota que seus defensores usavam do argumento de que esses imigrantes seriam indesejáveis “devido ao fato de trazerem para o país o germe da discórdia e por sua inadaptabilidade”, esquivando-se, deste modo, da discussão racial. Além disso, tratavam o Brasil como uma sociedade ausente de preconceito racial por causa da miscigenação, que se articulava com o branqueamento da sociedade, porque a chegada de “pretos” africanos “levaria os afro-brasileiros a ‘retrogradar em civilização’, e que os afro-americanos trariam consigo o ódio racial”. Neste sentido, pensavam “nos ‘pretos’ como um problema, já resolvido em território brasileiro, mas que poderia renascer através da imigração norte-americana”⁹.

Então, nota-se que os jornalistas negros compartilhavam de algumas ideias levantadas pela grande imprensa, inclusive eram esses periódicos que informavam sua avaliação sobre a situação dos negros em outros países. No entanto, havia diferenças no discurso sobre a miscigenação e a existência de preconceito de cor no Brasil. O projeto de desaparecimento da raça negra, tal como avaliado pelos jornais negros, não tinha a intenção de eliminar do Brasil a raça inferior, a intenção era construir uma “raça brasileira”, formada pelas “raças” que contribuíram para o engrandecimento do país. O escravo aparecia nas páginas desses periódicos como o trabalhador que construía as grandes obras, que cultivava as lavouras e tornava possível o enriquecimento da nação. Inclusive, essa imagem do escravo era constantemente usada contra o preconceito de cor e a situação precária das populações negras após a Abolição. Ou seja, a defesa da raça brasileira na imprensa negra significava a integração do negro na sociedade brasileira em condições de igualdade.

Sobre o preconceito de cor, Benedito Florêncio aproveitou a polêmica da imigração negra norte-americana para criticar as imagens que estavam criando sobre o país nos Estados Unidos. Robert Abbott fazia propaganda para os negros de seu país de lugares onde o preconceito racial era menor do que no sul segregacionista, onde eles poderiam prosperar e elencou o Brasil entre esses lugares. Para o editor-fundador do *Chicago Defender*, não existia preconceitos de cor nestas terras, inclusive havia negros que gozavam de prosperidade. Ao que Florêncio respondia, “afirmar-se que não existe preconceito de cor no Brasil, é como eu negar a derrota da Alemanha”. Comparando a situação das populações negras nos dois países,

⁸ GOMES, Tiago de Melo. “Problemas no paraíso: a democracia brasileira frente à imigração afro-americana”. *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 25, n. 2, 2003, p.309.

⁹ *Ibidem*. pp. 318-319



o Brasil seria “o supremo ideal”, porque nos Estados Unidos “o preto é considerado um leproso moral, tratado como cão mais que desprezível, faltando-lhe toda defesa desde as páginas da lei até as camadas sociais”. E por “aqui, felizmente, o ódio contra o negro não assume proporções tão bárbaras, pois não somos queimados vivos em fogueiras públicas, nem linchados pelas multidões sedentas de vinganças”¹⁰.

A propaganda de Robert Abbott gerou críticas de outros jornalistas e jornais negros. No periódico da cidade de São Paulo, *Kosmos* também há críticas à ideia de que “a verdadeira democracia é a brasileira, porque ela repousa no princípio da igualdade humana”, como teria falado o norte-americano em uma palestra no Rio de Janeiro. No entanto, ele teria acreditado nisso, “certamente pela ilusão que teve ao deparar à primeira vista, com o contato entre o preto e o branco em todos os atos sociais, mas só na aparência, porque particularmente o preto daqui, não passa do que deve ser e chegar a ser”. Assim, a propaganda feita por ele poderia produzir “aos pretos de Norte América um sinal de evidente alegria, mas para o Brasil será a verdadeira tristeza: conservando-os nessa ilusão de igualdade, em que perdura o desprezo e todos os feitos apontados como inúteis e tolerados”.

Para reforçar a existência do preconceito racial no Brasil, o articulista Abílio Rodrigues chamava a atenção para as situações de discriminação passadas pelo próprio Robert Abbott em busca de hospedagem no Rio de Janeiro. Ao chegar à capital paulista, Abbott e sua esposa se hospedaram no *Palace Hotel*; após se alojarem resolveram passear pela cidade, quando voltaram foram convidados a se retirar. Ele relatou em seu periódico, que o proprietário do hotel fez isso porque brancos norte-americanos, que também estavam hospedados no hotel, reclamaram de sua presença e solicitaram a sua saída. Então, o casal ficou instalado no *Odeste Hotel*. Isso não tirou a boa impressão do casal da cidade, para Abbott este problema era culpa dos seus conterrâneos, e não comprovaria a existência de preconceito de cor entre os brasileiros. O colaborador do *Kosmos* apontava que ele tinha certa razão, ao afirmar que os brancos dos Estados Unidos tentaram “fazer valer o velho preconceito existente em Norte América. Porém, qual foi a atitude do proprietário do hotel, como brasileiro? Foi atender o pedido”. E finaliza, “**é essa a igualdade apontada como padrão da verdadeira democracia brasileira?... Ilusão... perfeita ilusão!**”¹¹.

Essa não foi a única situação de discriminação vivida pelo casal no Brasil. Segundo Petrônio Domingues, antes de chegar a São Paulo o jornalista norte-americano passou pelo

¹⁰ **Getulino**, Campinas, 21 nov. 1923.

¹¹ **Kosmos**, São Paulo, 18 abr. 1923.



Rio de Janeiro, onde foi impedido “de se hospedar no hotel Glória, sob a alegação de que “não havia vagas”. Abbott então teria exclamado: ‘até no reino das fadas, o Brasil, [...] uma coisa nojenta dessas está presente’”¹². Antes mesmo de sua viagem pela América do Sul ele sofrera com impedimentos. O cônsul brasileiro em Chicago recusou conceder os vistos de entrada ao casal “pelo “simples” fato de os visitantes serem negros. Diante do impasse, ele e sua esposa solicitaram a intervenção do senador Medill McCormik, que negociou junto à embaixada brasileira”. Esta situação, dizia Abbott, “parece, tem sido a experiência que todo negro norte-americano enfrenta ao tentar entrar no Brasil”, porém “ele preferia acreditar que a conduta do cônsul brasileiro em Chicago era ‘inteiramente contrária à Constituição brasileira e vergonhosamente trata-se de uma variante do temperamento do povo brasileiro’”¹³.

Robert Abbott viajou por três meses por países da América do Sul, sua intenção era “observar o progresso social do negro quando ‘projetado na esfera de uma tradição e de uma cultura latino-europeia’”, e também verificar se a região “poderia servir de celeiro de oportunidades sociais, comerciais e industriais para um grupo de negros norte-americanos ‘evoluídos’”, em busca de soluções “de seus problemas individuais”¹⁴. E, no Brasil, ele encontrou “homens de cor” de sucesso, como Alfredo Clendenden, ex-dentista do imperador Dom Pedro II, que veio de Nova York no último quartel do século XIX; o jornalista José do Patrocínio Júnior, filho do ilustre abolicionista; Juliano Moreira, médico; os senadores Eloy de Souza e Sampaio Correia; além do advogado Evaristo de Moraes. Foi por conta das experiências de sucesso desses e outros negros (que, como ele qualificou, eram “negros no sentido literal”), que ele afirmava que não havia “nenhum tipo de problema racial no Brasil”¹⁵.

No entanto, os jornais negros não concordavam com isto, inclusive mostraram que parte dos argumentos contra a imigração de negros norte-americanos para o Brasil era sustentada pelo preconceito contra a “raça negra”. Em 1924, o *Getulino* informava que a justificativa dada pelo parlamentar para aprovar seu projeto de lei feria “a alma, como ferro em brasa”, e que, graças às críticas feitas aos negros, “por toda uma eternidade vai ficar patente que o sangue negro é uma desordem na formação do caráter etnológico nacional”. E amaldiçoou “o negro, esse negro que fez o Brasil agrícola com seus braços, que fez o Brasil

¹²DOMINGUES, Petrônio. “A Visita de um afro-americano ao paraíso racial”. *Revista de História*, n.155, 2º/2006, p. 163.

¹³ Ibidem, 162-163.

¹⁴ Ibidem, 162.

¹⁵ Ibidem.



intelectual com o sangue das suas esposas as quais aleitaram com tanto carinho os grandes vultos que hoje sentem prazer em se tornarem os nossos mais encarniçados inimigos”¹⁶.

Em outro artigo, em que reforçava sua postura “intransigentemente” contrária “à entrada dos negros norte-americanos no Brasil”, principalmente porque eles trariam “o ódio indomável à raça branca existente nos negros *Yankees*”, o periódico de Campinas considerava radical “vedar a entrada em território brasileiro nacional do negro de qualquer procedência”. Mais do que isso, dizia que “chamar a raça negra de praga”, como foi feito durante o debate do projeto de Lei, era “negar a igualdade que Jesus ensinou, e faltar aos preceitos de caridade e de ruir a verdade da própria igreja católica romana, que, colocando em seus altares São Benedito, Santa Efigênia e outros santos pretos, os nivelou aos brancos santificados”. Para o *Getulino*, o problema era que a vinda de negros norte-americanos fazia parte de uma proposta de conquista, por isso o Brasil não poderia “negar aos homens pretos boa acolhida, quando não represente a sua vinda uma tentativa de ‘conquista’”¹⁷.

Havia quem não acreditasse que os negros norte-americanos deveriam ser totalmente rejeitados. Para Evaristo de Moraes, o ódio racial entre esses negros era justificado e com a mudança de ambiente ele sumiria. Em artigo publicado em janeiro de 1924, ele não falava de ódio racial entre os negros norte-americanos, dizia que estes tinham “prevenções” contra os brancos, que precisavam ter suas causas refletidas para compreender o quão infundado era a afirmação de que, “com jeitos de convicção, ... eles transporão para aqui nas suas bagagens a luta de raças”. Questionava, então: “Como é possível prezar a quem nos menospreza? Querer bem a quem nos maltrata? Tratar com afeição a quem nos persegue, nos ofende, nos vilipendia”? E esperar que os “representantes da raça negra” nos Estados Unidos não reagissem a isso, “equivalaria a exigir deles uma paciência evangélica, incompatível com a natureza humana: a pretender transformá-los em criaturas sobrenaturais, de uma bondade infinita”. Concluía que “mudadas as condições, transferidas as vítimas do brutal preconceito para outro meio, em que as facilidades do trabalho se casam com a efetividade do acolhimento, cessará, de pronto, a prevenção”¹⁸.

Então, não é a ausência de preconceito de cor/racial no Brasil que faz ser nociva a vinda de negros norte-americanos, nem mesmo a ausência de uma “noção racial” entre as lideranças negras brasileiras. A questão era política. A política de formação de uma nação

¹⁶ *Getulino*, Campinas, 27 jan. 1924.

¹⁷ *Getulino*, 24 fev. 1924.

¹⁸ *Getulino*, Campinas, 13 jan. 1924.



negra era rejeitada por esses jornalistas negros; eles se apresentavam e apresentavam o povo brasileiro como mestiços. Isso era uma maneira de reivindicar a integração dos negros na sociedade em posição de igualdade. E a situação dos negros nos Estados Unidos era o contrário disso, apesar de reconhecerem que alguns haviam alcançado posições de distinção, a ideia era a de que naquele país se vivia em “luta de raças”, lá existia um “ódio recíproco de raças”.

Em 1918, *O Alfinete* lançou um editorial se defendendo de uma acusação de pregar a rivalidade entre as raças no Brasil, porque teria aconselhado seus leitores a seguirem o exemplo dos negros dos Estados Unidos. Então, afirmava que “nunca afirmamos semelhante absurdo; o que almejamos e o que temos dito, é que, nossos irmãos daqui procurassem imitar os que vivem na grande nação americana”. Porque lá os negros conseguiam ter ascensão, e “ao contrário dá-se com os nossos irmãos daqui; estes são frutos em estado embrionários que, com raras exceções, nem sequer têm asas para sair da esfera do servilismo voluntário em que vegetam”. Ainda, o periódico indicava que a “rivalidade de raças” teria nascido, naquele país, “do orgulho natural de raças de origens e sentimentos inteiramente opostos, que conscientes de sua posição no cenário da vida, não se deixaram dominar sem um protesto”¹⁹.

Deste modo, a situação dos negros dos Estados Unidos nem sempre era tratada como se a exclusão social se completasse por conta do ódio de raça. Abílio Rodrigues disse, enquanto criticava Robert Abbott, que “o que deveríamos escutar da boca do Dr. Abbott era uma lição de energia para fazer desaparecer a apatia em que definha o negro nesta terra, que parece integralmente capacitado de que a vida é um sonho que se esvai na campã”. A ascensão e a busca por educação dos negros dos Estados Unidos eram usadas como exemplos a se seguir. Em setembro de 1924, publicava o *Getulino* que no país da América do Norte “quando pensou-se à moda de um sonho, na libertação dos negros, foi imediatamente decretada a rigorosa obrigatoriedade da alfabetização do preto”. O que não teria ocorrido por aqui. Lá, por conta disso, “quando os negros norte-americanos foram libertos não existia um só analfabeto”! E depois conseguiram ter “colossais instituições de ensino, importantes faculdades e notáveis universidades! Enquanto isso vive o preto brasileiro cultuando a ignorância, abarrotando os botequins, aumentando as estatísticas das prisões e edificando templos ao vício”²⁰!

¹⁹ *O Alfinete*, São Paulo, 12 out. 1918.

²⁰ *Getulino*, Campinas, 28 set. 1924.



Para Flávio Thales Francisco, até 1928, quando *O Clarim d'Alvorada* passou a receber edições dos jornais *Chicago Defender* e *Negro World*, as informações sobre a situação dos negros norte-americanos “tenham chegado por meio de agências internacionais de notícias como as norte-americanas *United Press Association* e a *Associated Press*”, que publicavam “informações de jornais afro-americanos como o *Baltimore Afro-American*”²¹. O autor também considera que o contato direto com os jornais negros dos Estados Unidos mudou o formato do debate n’*O Clarim d'Alvorada*. Antes, neste periódico, “o debate em torno da diferença entre ser negro nos Estados Unidos e no Brasil se restringiu à oposição entre um ambiente violento e outro harmônico”²². Apesar de geralmente tratarem da situação do negro norte-americano como pior do que se vivia no Brasil, com cenas de violência física, os textos dos jornais apresentados até aqui não permitem definir o ambiente brasileiro como harmonioso, ao contrário. Os membros do *Getulino* estavam cientes que viviam em um ambiente de forte preconceito de cor/raça que gerava exclusão.

A condição de vida na América do Norte foi tema de diversos artigos, em que o ódio, a violência e a falta de direitos das populações negras eram frequentemente citados. Isto mostrava a diferença de experiência das populações negras nos dois lugares, mas, como em ambos países havia preconceito de cor/raça, pode-se entender que essas notícias correspondiam à preocupação destes jornais com o acirramento da discriminação racial. Olhava-se para os Estados Unidos como se lá houvesse o caso de exclusão extrema para os negros e temia-se que aquele ambiente chegasse por aqui. Em 05 de outubro de 1924, o *Getulino* estampava em sua primeira página a mensagem: “**A Teoria do Preconceito** – No Brasil, como nos Estados Unidos, haverá o ódio de Raça? Em caso afirmativo, cumpre-nos interceptar os passos a esse monstro, a bem da unidade da Pátria”²³.

É possível afirmar que a comparação com os Estados Unidos também fazia parte de uma noção de “raça negra” e “solidariedade negra” presentes entre esses jornalistas. Isso, entretanto, não era algo natural. A ideia de raça esteve entrecruzada com as propostas nacionalistas de integração do negro, por isso não deixavam de destacar as especificidades dos negros em cada parte do mundo. O que os unia era a condição de vítimas do preconceito de cor/racial. Desta maneira, também foi comum o uso de artigos sobre negros artistas,

²¹ FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal *O Clarim da Alvorada* (1924-1932). Dissertação de Mestrado, USP, Departamento de História: São Paulo, 2010, pp. 86-87

²² *Ibidem*. P.86.

²³ *Getulino*, Campinas, 05 out. 1924.



esportistas de grande destaque ao redor do mundo, bem como artigos sobre a Etiópia enquanto um berço da civilização²⁴.

Bibliografia

- BUTLER, Kim D. *Freedoms given, freedoms won: Afro-Brazilians in post-abolition São Paulo and Salvador*. New Brunswick, N.J.: Rutgers University Press, c1998.
- CUTI; LEITE, José Correia. (Orgs.). *...E Disse o Velho Militante José Correia Leite: depoimentos e artigos*. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1992.
- DOMINGUES, Petrônio. *A nova Abolição*. São Paulo, SP: Selo Negro, 2008.
- _____. "Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos." *Tempo. Revista do Departamento de História da UFF*, v. 12, p. 113-136, 2007.
- _____. "A 'Vênus negra': Josephine Baker e a modernidade afroatlântica. *Estudos Históricos*, vol. 23, n.45, jan.-jun. de 2010.
- _____. "Este samba selvagem: o Charleston na arena transatlântica". In: GOMES, Flávio dos Santos e DOMINGUES, Petrônio (Orgs.). *Da Nitidez e Invisibilidade: legados do pós-emancipação no Brasil*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013, pp. ??-??.
- _____. *Uma história não contada. Negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-Abolição*. São Paulo, SENAC, 2004.
- FRANCISCO, Flávio Thales Ribeiro. *Fronteiras em definição: identidades negras e imagens dos Estados Unidos e da África no jornal O Clarim da Alvorada (1924-1932)*. Dissertação de Mestrado, USP, Departamento de História: São Paulo, 2010.
- GOMES, F. S. e DOMINGUES, Petrônio (Orgs.). *Da nitidez e invisibilidade: legados do pós-emancipação no Brasil*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013.
- _____. *Experiências da Emancipação. Biografias, instituições e movimentos sociais no pós-Abolição (1890-1980)*. São Paulo: Selo Negro, 2011
- GILROY, Paul. *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. (trad.) São Paulo: Ed.34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes. Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.
- LUCINDO, Willian Robson Soares. *Educação no pós-Abolição: um estudo sobre as propostas educacionais de afrodescendentes (São Paulo/1918-1931)*. Dissertação (mestrado em história). Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC/SC), 2010.
- PINTO, Regina Pahim. *O movimento negro em São Paulo: luta e identidade*. Ponta Grossa: Editora UEPG; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 2013.

²⁴ Ver Santos, Rael Fizon Eugenio dos. *A África na imprensa negra paulista (1923-1937)*. Dissertação de mestrado, UFF, Departamento de História: Niterói, 2012; DOMINGUES, Petrônio. A "Vênus negra": Josephine Baker e a modernidade afroatlântica. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 23, n.45, jan.-jun. de 2010, pp.95-124; DOMINGUES, Petrônio. "Este samba selvagem: o Charleston na arena transatlântica". In: GOMES, Flávio dos Santos e DOMINGUES, Petrônio (Orgs.). *Da Nitidez e Invisibilidade: legados do pós-emancipação no Brasil*. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2013, pp. ??-??.



SANTOS, Rael Fizon Eugenio dos. A África na imprensa negra paulista (1923-1937).
Dissertação de mestrado, UFF, Departamento de História: Niterói, 2012.